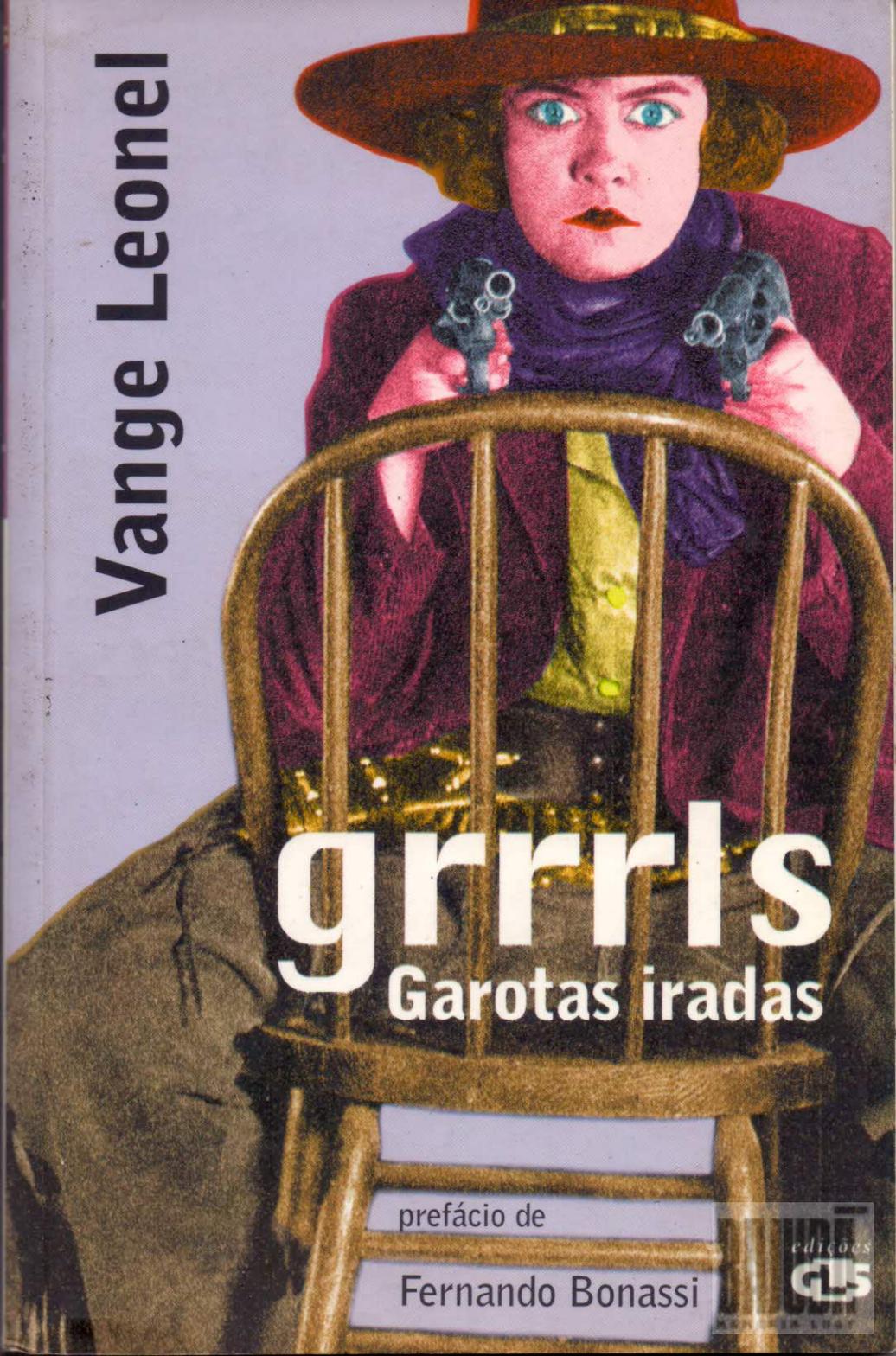


Vange Leonel



**grrrls**  
Garotas iradas

prefácio de

Fernando Bonassi

edições

GLS

MEMBRAS 1987

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Leonel, Vange, 1963-  
Grrrls: garotas iradas / Vange Leonel. - São Paulo : Summus,  
2001.

Bibliografia.  
ISBN 85-86755-27-3

1. Agressividade (Psicologia) 2. Feminismo - Brasil 3. Homossexualidade feminina 4. Lésbicas - Psicologia. I. Título.

01-0113

CDD-115.232086643

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Agressividade em lésbicas : Psicologia  
155.232086643



Compre em lugar de fotocopiar.  
Cada real que você dá por um livro recompensa seus autores  
e os convida a produzir mais sobre o tema;  
incentiva seus editores a traduzir, encomendar e publicar  
outras obras sobre o assunto;  
e paga aos livreiros por estocar e levar até você livros  
para a sua informação e entretenimento.  
Cada real que você dá pela fotocópia não autorizada de um livro  
financia um crime  
e ajuda a matar a produção intelectual.

# Grrrls

Garotas iradas

---

VANGE LEONEL

edições  
**GLS**

**BAJUBÁ**  
MEMÓRIA LGBT

Copyright © 2001 by Vange Leonel  
Direitos adquiridos por Summus Editorial.

Projeto gráfico e capa: **Brasil Verde**  
Editoração eletrônica: **Acqua Estúdio Gráfico**  
Editora responsável: **Laura Bacellar**

VANGE LEONEL

#### Edições GLS

Rua Itapicuru, 613 conj. 72  
05006-000 São Paulo SP  
Fone (11) 3862-3530  
<http://www.edgls.com.br>

Atendimento ao consumidor:  
Summus Editorial  
Fone (11) 3865-9890

Vendas por atacado:  
Fone (11) 3873-8638  
Fax (11) 3873-7085  
[vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

## SUMÁRIO

|                                  |    |
|----------------------------------|----|
| Apresentação                     | 7  |
| Introdução                       | 11 |
| Rainhas da tesoura               | 15 |
| Grrrls                           | 17 |
| Com que roupa?                   | 20 |
| Armário com porta de vidro       | 23 |
| Princesas desencantadas          | 26 |
| À caça do celulôide secreto      | 29 |
| A verdade está lá fora           | 32 |
| Natalie Barney, a Safo de Paris  | 35 |
| O doce veneno das tentações      | 40 |
| Ri melhor quem ri de si          | 43 |
| Que seja eterno enquanto dure    | 46 |
| Muito além da alcova             | 49 |
| A genética explica?              | 52 |
| A última gota d'água             | 55 |
| Mundo para gregos e troianos     | 58 |
| Lésbica ou transbicha?           | 61 |
| Novidades sobre o clitóris       | 64 |
| Nossa língua lesbianesa          | 67 |
| A preferida das bolachas         | 70 |
| Fundamentalismo e homofobia      | 73 |
| Atletas de Safo, com muita honra | 76 |
| Deus abençoe os andróginos       | 79 |

|  |     |
|--|-----|
| Quem tem medo de Virginia Woolf? _____     | 82  |
| Eu sou espada! _____                       | 85  |
| O jogo do contente _____                   | 87  |
| Quem casa quer casa _____                  | 90  |
| Os dez mandamentos lesbianos _____         | 93  |
| A arte do disfarce – parte I _____         | 96  |
| A arte do disfarce – parte II _____        | 99  |
| A Gomorra paulistana _____                 | 102 |
| A arte do disfarce – parte III _____       | 105 |
| Lição de antropologia _____                | 108 |
| A primeira super-heroína lésbica _____     | 111 |
| Mostre a sua que eu mostro a minha _____   | 114 |
| Noturno romance _____                      | 117 |
| O planeta das macacas _____                | 120 |
| Quem quer brincar de boneca? _____         | 123 |
| O poço da solidão _____                    | 129 |
| Proibido para menores _____                | 133 |
| Santa Joana, padroeira das lesbianas _____ | 136 |
| O amor que não ousa deixar rastros _____   | 140 |
| Bibliografia _____                         | 145 |
| Sobre a autora _____                       | 149 |

## APRESENTAÇÃO

*Definição de sexo: Em sexo se está metido desde o início, mas sexo pode mudar em contato com as atmosferas. Meninos e meninas estranhos às diferenças das boas causas de famílias, insistem nas mesmas coisas dos outros iguais, sendo homossexuais. Transexuais vão e vem, como qualquer um de nós, pobres coitados. Desde um ponto bem legal, sexo é dois: um (e/ou uma) de cá, outro (e/ou outra) de lá. Mais que dois é mais que sexo, na melhor sem-vergonhice. Nem todo sexo à meia-luz é meio sexo. Todo sexo é escuro, a partir de um certo pedaço de mau caminho. Sexo, fora disso (ou daquilo) é masturbação.*

Pois é... em sexo estamos metidos desde o princípio, naturalmente. E a natureza, em sua sábia diversidade, põe prazeres múltiplos à disposição de apetites variados.

Este é, aliás, um assunto que os brasileiros em especial, têm na ponta da língua. Países que se apresentam como muito mais civilizados que o nosso costumam ter mais dificuldades de tornar público o debate de um tema como este. Fiquemos alertas: moral e civilização nem sempre caminham juntos.

Por aqui, ora, falamos do assunto! Produzimos reportagens, pesquisas, veiculamos entrevistas. Também o representamos (muito mal, diga-se de passagem), em sete ou oito péssimas telenovelas. Programas de auditório vão da exploração mais ou menos explícita da sexualidade infantil até “maduras” esfregações em banheiras dominicais ou mesmo a venda de pornografia via telefone em horário nobre.

## A Gomorra paulistana

Num ataque de nostalgia, eu – tomada por um espírito proustiano – parto em busca do tempo perdido. Um tempo em que não existiam mais duquesas de Guermantes nem barões como Charlus, mas um tempo em que Sodoma e Gomorra ainda estavam de pé.

A Gomorra que conheci em 1980, aos dezessete anos de idade, localizava-se no centro da cidade de São Paulo: uma série de sete redutos para lésbicas distribuídos num triângulo entre a Praça da República, a rua Santo Antônio e a rua da Consolação. Fazíamos um percurso chamado por nós de “A Via Sacra”, onde tínhamos que completar todos os sete passos, como se fosse a paixão de Cristo. A diferença era que a paixão, para algumas de nós, significava o caminho para o paraíso e para outras apenas a promessa de sarna para se coçar e uma cruz para carregar...

A noite começava quando nos encontrávamos na sede do LF (grupo Lésbico-Feminista), a Primeira estação de nossa jornada, onde batíamos cabeça para Safo antes de sair para a rua. Apenas uma de nós possuía um carro. Foi quando descobrimos quantas sapatatas cabem num fusquinha: três na frente e seis atrás. E a noite começava bem, entre amassos, abraços e pernas se esfregando no banco traseiro.

A Segunda estação da nossa paixão gomorrriana era um bar chamado Canapé & Poesia, com uma pequena pista no subsolo. O bar era freqüentado por casais tipo *Lady & Sapatão*, mas as “maridas” só compareciam com as suas mulheres no sábado. Na quinta e na sexta as franchas apareciam sozinhas, para caçar. É claro que,

sendo sapatonas, elas só se interessavam por ladies, sandalinhas e até mesmo uma ou outra hetero desavisada que caía de pára-quedas.

Esgotadas as possibilidades do Canapé, dobrávamos a esquina da Santo Antônio em direção à Avanhanda e entrávamos no Cachação, um bar freqüentado pela classe trabalhadora e por uma deliciosa maioria negra. Essa Terceira estação se transformava num *dancing* depois da meia-noite, mas apenas para aquelas que tinham talento nos pés e nos quadris, já que lá só rolava samba.

Depois dos dois dedos de prosa ou samba no pé, conforme a aptidão, andávamos 50 metros até chegar, na mesma rua, ao famoso e tradicional Ferro's Bar. Quando o delegado Riccheti não passava por lá com o seu camburão para prender as sapas que davam pinta, o Ferro's até conseguia se passar por um lugar “careta”. É que, até a *happy hour*, o boteco era realmente um bar como outro qualquer. Mas depois do expediente começavam a chegar as entendidas para um chopinho a duas. Nós, ativistas e festivas, tentávamos convencê-las de que “entendida” era um termo bobo e enrustido – é muito mais bacana, nós dizíamos, ser “lésbica”. Mas bastava pronunciar a palavra mágica para as franchas ficarem mal humoradas e nós, cansadas de dar murro em ponta de faca, seguirmos para a próxima estação de nossa Via Sacra.

Nosso Quinto estágio se chamava Bug House, aos domingos oferecia uma matinê aberta a maiores de dezesseis anos. Era a nossa oportunidade de conhecer garotas mais novas que não podiam freqüentar as boates, proibidas para menores de dezoito. O ambiente juvenil escolar da Bug House era coroado por uma mesa de sinuca, situada num mezanino, em que as precoces lésbicas adolescentes provavam que eram boas também no taco.

Com a noite se aproximando do seu clímax, dávamos uma paradinha estratégica no Sanduba's para forrar o estômago e observar o movimento de bolachas na porta da Moustache, ali ao lado. Mesmo sem querer, a lanchonete tornou-se ponto de encontro das gomorrrianas. Mas esse nosso Sexto passo nada mais era que uma preparação para a grande Apoteose.

A Moustache, nosso Sétimo estágio, foi uma das mais duradouras boates de São Paulo e permaneceu durante muitos anos atraindo um público majoritariamente lésbico. Lá encontravam-se mulheres de todas as cores, tipos, idade e estratos sociais. Era na pista

da Moustache – a melhor discotecagem da cidade – que encerrávamos a nossa Via Sacra na esperança de arranjar uma namorada ou uma noite de sexo, torcendo para não terminarmos a madrugada chupando o próprio dedo ou levando um sarrafo (as garotas ali eram muito ciumentas). Certo é que nunca terminávamos a noite sozinhas: sempre podíamos contar umas com as outras, voltando para casa, dentro daquele fusquinha apertado, andando pelas ruas de uma Gomorra quase santa, mas repleta de Albertines.

Um dos seus mais recentes trabalhos de teatro é um pouco mais tímido e o de Albertine, personagem chave de *Garotos não choram*, é um trabalho muito próximo de *Garotos não choram*, conhecido e romance de teatro. *Garotos não choram* é um trabalho de teatro que não termina e não se encerra. A personagem Albertine, por isso, o narrador se apresenta em um trabalho de teatro em Albertine, amante de Marcel. No filme *Garotos não choram*, a personagem Albertine é apresentada em um trabalho de teatro com o nome de Albertine e apresenta sua vida com o nome de Albertine.

## A arte do disfarce – parte III

Com o tempo, transformou o seu amante numa profeta para poder falar de amor de uma maneira mais dramática, sendo para isso a finalidade que o público tem em identificação com um trabalho de teatro. *Garotos não choram* é um trabalho de teatro que não termina e não se encerra.

Em entrevista à revista *The advocate* durante o lançamento de seu filme *Garotos não choram*, a diretora Kimberly Pierce contou um fato curioso da sua infância e que a levou a fazer um filme sobre lésbicas. Pierce disse que desde a primeira vez que viu a cena no filme *To have or have not*, em que Humphrey Bogart emprestava uma caixa de fósforos a Lauren Bacall, sedutor como sempre, ela, Pierce, sempre se imaginou no lugar de Bogart. A diretora quis, com isso, ilustrar um dos artifícios mais usados por gays e lésbicas durante séculos para identificarem-se com as histórias que liam e viam nos palcos ou nas telas de cinema.

Durante muito tempo, mas muito tempo mesmo, o homocerotismo explícito foi banido das mais variadas formas de manifestação cultural. Pode-se dizer que, desde o advento e a dominação das religiões monoteístas, o homoerotismo foi relegado aos cantos de páginas, a aparições eventuais e moralmente condenáveis e, mesmo assim, parece ter permeado e inspirado milhares de obras de arte de valor inestimável para a humanidade. Basta lembrar as dúvidas que pairam sobre o verdadeiro sexo de Mona Lisa depois de levantada a suspeita de que Da Vinci gostava de garotos...

Não somente leitores gays e lésbicas aprenderam durante séculos de seca a trocar o sexo de Romeu ou Julieta para assim verem-se retratados, como também muitos escritores já trocaram o sexo e até mesmo a preferência sexual dos seus personagens para driblar a censura e chegar, de alguma maneira, a tocar o imaginário dos seus leitores.